

OS PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

PEDRO PAULO RIBEIRO
Jornalista, repórter de *O Povo*

INTRODUÇÃO

O rádio é, reconhecidamente, um dos mais eficientes veículos de comunicação de massa. No Brasil, embora venha ainda desempenhando uma função relativamente importante do ponto de vista da informação instantânea e no processo de alfabetização das camadas incultas brasileiras, suas atividades se resumem, praticamente, em dois setores de suas programações: os programas musicais e os esportivos. Graças à televisão, com seus recursos audiovisuais, o rádio perdeu aquela supremacia que atingira no concerto das comunicações coletivas, mercê de suas propriedades de divulgação e penetração ampla e imediata. Hoje, ele ocupa uma posição secundária se levarmos em conta o império da TV e se confrontarmos os índices de decréscimo de audiência dele, do jornal, do livro, do cinema e de outros meios de massa, após o advento da televisão.

O progresso das telecomunicações no Brasil já proporciona aos brasileiros dos mais afastados sertões as "delícias" da TV. Com isso, os musicais e os programas esportivos tornaram-se, atualmente, uma questão de sobrevivência para o rádio brasileiro, mais que para os próprios profissionais que labutam nesta atividade. Nem as campanhas de alfabetização e culturais encetadas pelo Ministério de Educação e Cultura, que poderiam proporcionar o reinício da melhor utilização das potencialidades do rádio, conseguiram levá-lo às posições mais destacadas entre seus concorrentes.

Mas voltemos aos programas esportivos que, como dissemos, são como uma questão de sobrevivência para o rádio e para a crônica esportiva. Em razão disso, a luta pela audiência, que é causa inclusive da falta de ética e de certa desunião na própria classe de profissionais, aliou-se a outros fatores não menos importantes, influenciando, de maneira direta, o linguajar dos locutores nas trans-

missões esportivas. Uma verdadeira multidão de metáforas invade os microfones com o objetivo de atrair e prender a atenção dos ouvintes. Na realidade, são palavras e expressões com um misto de pitoresco e sugestivo, embora, entre elas, sempre ocorram verdadeiros atentados ao vernáculo.

Um outro agente que influi, direta e grandemente, no uso da linguagem figurada e na criação de novas expressões é a renovação. Renovar é hoje uma necessidade em todos os campos de atividade, sob pena de o empreendimento ou a instituição sucumbir. Nas transmissões esportivas, então, face aos inúmeros e sucessivos jogos que se realizam, “renovar os gastos nomes do reduzido mundo da cancha” (1), como diz Maria Luiza Ramos, em sua *Fenomenologia da Obra Literária*, é uma exigência.

Tão importante como a luta pela audiência e a renovação do vocabulário (quanto à influência direta) é a necessidade de tornar percebida a realidade dos lances que se desenrolam no campo. Não é outro o pensamento de Muniz Sodré quando afirma: “Para compensar a ausência da imagem, o locutor esportivo foi obrigado a criar um verdadeiro espetáculo verbal em que as palavras parecem fluir com a velocidade da bola ou com o ímpeto dos atletas” (2). Hoje, mais que antes, os locutores de rádio criam pela linguagem figurada novas palavras e expressões, aumentando o vocabulário esportivo, face a concorrência da televisão que tem, além da palavra, a imagem.

Pelo que já expomos, não é necessário dizer que nosso campo de ação, aqui, será o rádio e o futebol. O primeiro é o maior criador (através da crônica esportiva) e o segundo é, indiscutivelmente, a razão de ser desta terminologia esportiva, cujos termos são absorvidos por outros esportes e já se incorporam à linguagem do cotidiano.

Pretendemos, assim, neste modesto ensaio, analisar os processos metafóricos e metonímicos nas transmissões esportivas procurando suas causas, diretas e fundamentais, seus efeitos, a expressividade dos termos, sob o ponto de vista lingüístico, alertamos, porém, que nossa pretensão não é tão elevada a ponto de querermos nos aprofundar no aspecto lingüístico. No terceiro tópico de nosso desenvolvimento é que tentamos penetrar um pouquinho mais no aspecto citado.

Mesmo assim, apesar das limitações, não foi tão fácil captarmos subsídios para a sua elaboração. No Brasil — e possivelmente fora dele — não há bibliografia sobre o assunto, o que é de se la-

(1) RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*, Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1972, 2ª ed., pág. 118.

(2) SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, Rio de Janeiro, 1971, pág. 58.

mentar, a não ser o livro do escritor pernambucano Joel Pontes: *Palavras lus^o-brasileiras do futebol*. Neste próprio livro o autor confirma esta verdade: "A literatura está distanciada — ... do mundo esportivo, seus tipos e problemas." (3)

Desta forma, como fonte bibliográfica exclusivamente esportiva, recorreremos apenas ao citado livro e a dois outros que, por sua vez, pouco contribuíram, mas que foram consultados face ao seu relacionamento com o tema.

O que sustenta realmente nossos argumentos e pontos de vista é o já longo tempo de convivência na vida esportiva, os inúmeros jogos ouvidos através do rádio e vistos pela televisão, bem como a observação e os comentários junto às torcidas nos estádios, quadras e campos de "peladas", e ainda a própria prática do futebol *association* e de salão. O breve contato que tivemos com os radialistas Cid Carvalho, Alfredo Sampalo, Júlio Sales e Elias Nobre, tentando captar opiniões, foi também muito proveitoso. E se outros cronistas (também conhecedores do assunto) que existem em Fortaleza não foram ouvidos debite-se à falta de tempo e oportunidade em razão da urgência do próprio trabalho.

É dito ironicamente que todo brasileiro é um técnico em futebol. Mesmo se assim fosse, cremos que esta composição não estaria completa se dela não constasse um tópico que descrevesse o que é e como é o futebol e contasse um pouco de sua história no Brasil. Assim, na primeira parte do desenvolvimento, sob o título "Futebol, o Esporte-Rei", falaremos um pouco de sua prática e o que a envolve e contaremos algo de sua história em nosso país. Com isto, aqueles que se propuserem a ler este trabalho, acreditamos, estarão mais aptos a entenderem as particularidades deste esporte de massa e, conseqüentemente, o vocabulário esportivo, onde abundam expressões metafóricas e metonímicas.

Em segundo lugar, mostraremos a linguagem inicial que representava as coisas do futebol, com a predominância dos termos ingleses, e a progressiva tradução desta terminologia importada. Não esqueceremos de como aquilo se processou e aqueles que colaboraram para que uma linguagem bem brasileira, popular e espontânea se instalasse não só no rádio mas também nas manifestações do povo.

Na terceira parte, mostraremos várias das mais tradicionais e conhecidas expressões metafóricas e metonímicas. Dentre elas, extrairemos algumas para tentarmos uma análise breve. Com este último tópico do desenvolvimento, estaremos dentro da proposição real do tema. Os dois precedentes terão a missão de abrir as portas para chegarmos ao tema central.

(3) PONTES, Joel. *Palavras lus^o-brasileiras do futebol*. Ed. Universitária, Recife, 1974, pág. 10.

FUTEBOL, O ESPORTE-REI

Não custa nada repetir, aos que desconhecem, alguns pormenores sobre a prática do futebol, times de futebol e as transmissões esportivas.

O campo de futebol deve obedecer as dimensões oficiais. O comprimento máximo é de 120 metros e o mínimo é de 90 metros, devendo a largura ter o máximo de 90 metros e o mínimo de 45 metros. Todavia, em jogos internacionais, o campo não deverá ultrapassar a 110 metros nem ser inferior a 100 metros em seu comprimento e a largura, por sua vez, deverá ter o máximo de 75 metros e o mínimo de 64 metros.

O retângulo que representa a área de ação do jogo, isto é, o campo, é dividido em vários outros compartimentos, geralmente com cal. Próximo a cada arco (gol ou meta), onde se posta o arqueiro (ou goleiro), existem a pequena e a grande áreas. A primeira deve ficar a 5,50 metros da linha de gol e a segunda a 16,50 metros, de onde partem. Junto a cada uma das grandes áreas do campo, fora delas, é traçado um arco de círculo de 9,15 metros de raio (tomando como base a marca do *penalty*) que na gíria futebolística tem o nome de “meia lua”. Fora da grande área o goleiro não pode pegar a bola com a mão. Se o fizer cometerá uma infração, que será punida pelo juiz e executada por um jogador do time adversário. O time que cometer infração grave dentro de sua grande ou pequena área será punido e contra ele será cobrado *penalty* (aportuguesado para pênalti e chamado ainda de “penalidade máxima”) pela equipe adversária. O local da cobrança desta infração fica dentro da grande área, a 11 metros da linha de gol. O campo é dividido ao meio pela “linha divisória”, que corta um círculo aposto ao centro, medindo 9,15 metros de raio. Se um jogador desloca a bola para a linha de fundo de seu próprio campo é cobrado contra seu time um “escanteio” (ou *corner*), que significa o arremesso da bola, com o pé, do ângulo da linha de fundo e lateral por onde saiu a mesma.

Creemos que isto é o suficiente para se ter uma visão panorâmica do campo onde se desenrola o jogo e de como ocorrem algumas jogadas. Passemos agora, em poucas linhas também, a pormenores sobre times de futebol.

Um clube de futebol é constituído, geralmente, de três times: as categorias titular (que tem um quadro de reservas), juvenil e infanto-juvenil (as chamadas “escolinhas”). De acordo com a tática imposta pelo técnico (ou *coach*), a equipe poderá ser formada variando de jogadores em suas linhas: de defesa (o goleiro e mais os zagueiros — ou *back^s*), média (os médios — ou *halfs*) e de ataque (os atacantes — ou *forward^s*). Alguns jogadores (em número prefixado) ficam no chamado “banco de reservas” a espera de uma

oportunidade para atuar, caso seja necessário, se algum colega se machuca ou por ordem tática do técnico. Por isso, tais jogadores são chamados também de "banco" ou "regra três" (da regra internacional).

Quanto às transmissões esportivas, as emissoras de rádio usam para este mister uma equipe que se constitui, geralmente, de um locutor (o narrador propriamente dito), um comentarista, um crítico de arbitragem, dois repórteres, um de pista e um volante, um técnico de som e um "escuta". Nas transmissões propriamente ditas os mais importantes (na narração) são, de fato, o locutor, o comentarista, o crítico de arbitragem e os repórteres. Estes todos é que têm a missão de transmitir, embora todos da equipe tenham parcela importante de colaboração no desenrolar da partida. Os dois primeiros se destacam (e geralmente são os chefes da equipe) porque são os que mais falam. O locutor narra o desenrolar de todos os lances e é ele que, na maioria das vezes, cria as palavras e expressões que se avolumam na terminologia esportiva. O comentarista, tão importante quanto aquele, também cria expressões com muita facilidade, como ocorre com João Saldanha, que criou expressões famosas. É chamado a intervir, comentando, quando ocorre uma jogada emocionante ou na ocorrência de um "gol" (aportuguesamento de *goal*); ou, por outra, comenta quando acha necessário. No intervalo e no fim do jogo o microfone lhe é passado para os comentários de profundidade. O crítico de arbitragem comenta ao final da partida (poucas vezes no desenrolar) o procedimento do juiz (o mais correto é árbitro, como às vezes é chamado). Os repórteres têm a missão de pormenorizar os lances mais importantes, principalmente os de gol e os duvidosos, visto que se encontram mais perto do jogo. São todos esses profissionais (e em menor proporção o povo) os reais criadores da linguagem esportiva, mais precisamente da futebolística.

* * *

Há quem afirme que o Brasil deve a sua tranqüillidade e a sua paz social ao Carnaval e ao futebol, especialmente a este último. Realmente, as duas instituições alcançaram uma identificação tal na alma do povo brasileiro (de índole pacifista e aberta) que se poderia admitir tal afirmação em épocas passadas. O futebol, por exemplo, que para outros povos é apenas um esporte apaixonante, mesmo causador de distúrbios populares e de lutas entre torcidas e times adversários, para nós é mais, é arte, é paixão, é quase reli-

gião. Todavia, pensar-se em alienação total a outros problemas sociais ou políticos, por exemplo, é exagero.

Mas a história desta paixão tem sua origem já nos primeiros dias em que se praticava o futebol em terras brasileiras. Oriundo da Inglaterra, trazido para o Brasil em 1894, por um brasileiro filho de inglês, Charles Miller, o futebol era esporte somente de estrangeiros e rapazes da alta sociedade. A discriminação era ainda mais forte em relação aos negros, cujas pretensões de integrarem qualquer daquelas primeiras equipes eram barradas logo nas tentativas iniciais. Mas o esporte das multidões estava fadado a ser popular, e, como tal, negros e brancos, ricos e pobres deveriam praticá-lo juntos. Paralelamente aos já concorridos jogos dos "lordes", as "peladas" dos "moleques" se desenvolviam com grande animação nos terrenos baldios e ruas da capital paulista e do Rio de Janeiro. Dali começaram a surgir os primeiros craques (ou *crack*) negros e mestiços que aos poucos foram mostrando uma intimidade toda particular e um manejo muito especial com a bola. Não se quer dizer que o negro ou o mestiço jogue um futebol superior, mesmo porque desde o talentoso e violento Herman Friese ao técnico e cerebral Gérson dos nossos dias, muitos outros jogadores brancos se celebrizaram. Mas o toque elegante com que conduziam a "pelota" e as gíngas do corpo e a malemolência com que se deslocavam eram mais notáveis naqueles, inclusive no mulato. Hoje, é notório, brancos, negros, mestiços e mulatos jogam um mesmo futebol; de lá para cá, três gerações já passaram e a miscigenação (que já vem de muito atrás) se incumbiu de formar, praticamente, uma raça brasileira. De qualquer modo, o que se evidencia é que, a despeito de tentarem àquela época tornar o futebol um esporte de elite e racista, ele se identificou mais com a gente humilde dos bairros pobres.

A crônica esportiva é, por sua vez, a máquina que alimenta esta paixão nacional através das comoventes transmissões radiofônicas. Mas seus integrantes são ao mesmo tempo comunicadores e torcedores. Emocionam-se diante dos lances sensacionais e se contagiam com a vibração das torcidas, o que os estimula ao espetáculo verbal, onde figuras de toda espécie, principalmente as metáforas e metonímias, se cruzam.

Isto já acontecia desde as primeiras transmissões radiofônicas, a cargo do pernambucano Gagliano Neto, que foi o primeiro locutor esportivo conhecido. Ele e Ari Barroso já se expressavam àquela época de maneira comovente e recorriam às idiossincrasias, ainda que moderadamente. Na Copa do Mundo de 1938, por exemplo, transmitida exclusivamente por Gagliano, este locutor se comportou de maneira tão sensibilizadora que fez acreditar ao povo brasileiro que o Brasil só perdeu o campeonato mundial porque foi esbulhado e

roubado, quando, na realidade, houve também falhas e deficiências, causadas, inclusive, por outras circunstâncias.

Hoje, com a evolução dos meios de comunicação de massa e com a ameaça dos novos profissionais que se formam nos Cursos de Comunicação Social, preparados mais convenientemente para o ofício de comunicar, bem e em melhor qualidade, os antigos comunicadores já estão mais preocupados com a comunicação. É comum se ver hoje em dia novos e velhos profissionais freqüentando, lado a lado com estudantes universitários, os Cursos de Comunicação. Procuram qualificar-se profissionalmente, conhecendo os mistérios da comunicação de massa. Mesmo assim, persiste na maioria, que se acomoda, o desconhecimento da língua. Recorrem às figuras de estilo e à gíria excessiva, muitas vezes sem propriedade, transformando as transmissões e os comentários em manifestações de certo modo discutíveis sob o ponto de vista cultural.

A propósito destes recursos lingüísticos usados pelos locutores, diz Joel Pontes que “essa gíria especial foi colhida entre seus criadores naturais — povo e atletas — e na escuta e leitura de locutores e jornalistas que, por vezes, são meros divulgadores da criação espontânea mas, em outras ocasiões, “lançam” palavras que o povo adota, incorporando-as à língua” (4). Contrárias ao pensamento do escritor pernambucano são as observações de Maria Luiza Ramos e Muniz Sodré (as quais já citamos anteriormente) e a nossa opinião. Acontece o contrário. Os criadores naturais são os cronistas, pelos motivos que já expomos, o povo e os atletas adotam mais do que criam. Os aficionados escutam; os locutores falam. Aqueles, como comumente se vê, após o surgimento do rádio portátil, vão aos estádios e campos de futebol mas não dispensam a transmissão e os comentários. Quando não levam o pequeno aparelho de pilhas, apuram o ouvido para escutar no vizinho que torce ao seu lado. Parece incrível, mas frente, inclusive, ao aparelho de TV ainda há pessoas que colam o rádio ao ouvido para escutar as transmissões e comentários. É como observa Muniz Sodré: “É óbvio que os atrai o espetáculo verbal da transmissão.” (5) Os locutores, por seu lado, necessitam tornar percebidas as jogadas e as diversas situações do jogo, pela ausência da imagem; precisam renovar o vocabulário, por razões óbvias e já esclarecidas; e lutam pela audiência. Tais necessidades, juntas a outros fatores, forçam-no a recorrer à linguagem figurada aos recursos idiossincrásicos, que proporcionam maior força expressiva.

(4) PONTES, Joel. *Palavras lusó-brasileiras do futebol*, Ed. Universitária, Recife, 1974, págs. 9-10.

(5) SODRÉ, Muniz. *comunicação do grotresco*. Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, Rio de Janeiro, 1971 pag. 58.

A TRADUÇÃO E O APORUGUESAMENTO DOS TERMOS INGLESES

Por muito tempo, a linguagem usada nos meios futebolísticos conservou os termos ingleses que acompanharam este desporto ao Brasil. Não é fácil precisar a época exata em que teve início a mudança, porque se alguns evoluíam outros se orgulhavam em pronunciar as palavras e expressões inglesas com teimosia. Eram os defensores do futebol aristocrático em detrimento do futebol-povo, verdadeiramente artístico. Mas há indícios de que tenha começado em 1913, como diz um autor desconhecido: "Quando na cidade do Rio de Janeiro, capital do país, não foi mais possível ignorar ou sufocar a explosão dos clubes suburbanos; e se instituiu um campeonato especial — o da Segunda Divisão — para eles. Quando o povo começou o seu trabalho de tradutor. Quando velhas e pedantes expressões inglesas começaram a ser substituídas e enriquecidas pela semântica viva e esperta das ruas. Quando os dicionários começaram a registrar e a "definir futebol" esporte predileto dos brasileiros..." (6). Pode, então, ter-se iniciado na segunda década deste século, mas prolongou-se, aproximadamente, até o final da década de quarenta.

Era muito natural e explicável o uso dos termos ingleses: *goal keep, back, corner, hand, off side; match; coach; forward* etc.; nos primeiros anos, pois o futebol era ainda esporte de gringos e da mocidade sofisticada e entusiasmada com seus conhecimentos do idioma britânico. Quando, porém, foi se tornando bem brasileiro, não se justificava mais aquele pedantismo lingüístico, visto ser um esporte já bastante popular. Com a tradução surgiu, então, o arquero, o zagueiro, o escanteio, a mão, o impedimento, a partida, o técnico, o atacante etc.

Não só a tradução das palavras inglesas foi necessária à medida que o futebol se massificava. Além do aportuguesamento de muitas palavras inglesas, como a própria palavra *football*, hoje futebol, expressões metafóricas e metonímicas, e ainda outras figuras, foram sendo introduzidas espontaneamente na linguagem futebolística, mas também criadas pela necessidade dos locutores de transmitir uma mensagem que melhor traduzisse a realidade. A esse respeito, escreveu José Carlos de Oliveira, cronista esportivo do *Jornal do Brasil*, em 1969: "João Saldanha é aquele bonitão sem o qual os programas na TV Globo não teriam público feminino. É também o homem que acabou com o pedantismo nas transmissões ra-

(6) OLIVEIRA, José Carlos de. *Jornal do Brasil*. In: "A hora e a vez de João Saldanha", Liv. Ed. Gol, Rio de Janeiro, 1969, pág. 63.

diofônicas dos jogos. Ele fala uma linguagem popular, espontânea, despreziosa e precisa.”

Realmente, João Sandanha alinhou no time dos maiores batalladores pela popularidade da linguagem do futebol nas transmissões radiofônicas e mesmo televisada. Que acabou com o pedantismo do passado não se pode afirmar com tamanha exclusividade, mas que contribuiu imensamente para isso é certo. Como exemplo, Pedro Zamora atribui ao grande comentarista as expressões metafóricas “zona do agrião”, “pau puro” e “a vaca vai pro brejo”. (7). E como estas, muitas outras expressões são largamente exploradas nos meios futebolísticos, embora a maioria dos usuários não tenha a mínima idéia da relação semântica delas com a faixa do campo ou da jogada transmitida. Contudo, são termos já definitivamente integrados na linguagem esportiva e, além disso, de comprovada comunicabilidade, como veremos adiante.

Não fosse essa linguagem aberta, espontânea e popular dos locutores esportivos, a cada jogo introduzindo novas expressões radiofônicas estariam ameaçadas em suas audiências. Certamente a monotonia contaminaria a todos: ouvintes (inclusive aos mais vibrantes aficionados), locutores e cronistas de um modo geral. A repetição de um vocabulário pedante, inexpressivo e técnico numa sucessão de partidas forçosamente redundaria em saturação geral.

Parece incoerência atribuir à linguagem aberta, espontânea e popular o apego e a preferência dos torcedores pelas transmissões radiofônicas e, ao mesmo tempo, considerar tais manifestações de certo modo discutíveis sob o ponto de vista lingüístico. Mas uma coisa é desejar o ideal e outra é compreender o real. O ideal seria uma linguagem simples, espontânea, popular mesmo, porém correta. Seria o uso adequado dos recursos lingüísticos, como a linguagem figurada, sem se desfigurar a gramática e de maneira particular a semântica. Seria ainda afastar da linguagem as palavras e expressões que reconhecidamente têm sentido pejorativo, como estas: “tacou o cacete no pau direito do adversário”, “arraial de porradas”, “esculhambação” etc. É indiscutível que o purismo exagerado é um entrave à comunicação, mas renegá-lo é transformar a linguagem num meio de expressão irracional e inexpressivo.

O futebol é, contudo, um esporte essencialmente de massa. A grande maioria de torcedores se posta nas gerais e nas arquibancadas e não nas cadeiras cativas ou camarotes. A maioria dos ouvintes tem o minúsculo rádio portátil como objeto de valor e só são telespectadores quando há um “televizinho”. Por essa razão, a

(7) ZAMORA Pedro. *A hora e a vez de João Saldanha*, Liv. Ed. Gol, 1969, pág. 67.

mensagem visa a massa e a linguagem posta em prática é que atende às suas limitações. O que aconteceria se a totalidade dos locutores passassem, de repente, a adotar o vocabulário britânico, valendo-se de termos como: *forward* (atacante), *goal keeper* (arqueiro), *boot* (chuteira — que ainda vem de *shoot*), *charley* (dar com a borda do pé), *coach* (técnico), *team* (equipe, bando), *center forward* (centroavante), *dribbling* (finta), *scrimmage* (confusão na área), *forfeit* (ausência de um time em campo), *free kick* (tiro livre), *match* (partida), *player* (jogador), *walk over* (ganhar por desistência do adversário) etc.! E se ao invés dos expressivos termos metafóricos e metonímicos já definitivamente arraigados na linguagem esportiva começassem a usar os termos técnicos constantes das regras de futebol! Seria a desmassificação da linguagem esportiva e do próprio futebol.

O levantamento da questão do nível cultural das transmissões, sob o ponto de vista lingüístico, parece, ainda, à primeira vista, uma censura à linguagem posta em prática pelos locutores. Não se trata disso. A idéia que nos move em primeiro lugar, quanto a este aspecto da questão, é analisar criticamente (no sentido exato do termo) o “espetáculo verbal” tentando esclarecer os pontos positivos e os negativos. As transmissões não são, na realidade, uma anarquia verbal. Ao contrário. São recheadas de “palavras e expressões ricas em pitoresco e poder sugestivo”, (8) como defende Joel Pontes. Através delas, o próprio vocabulário brasileiro adquire contribuições no campo da expressão lingüística. Além disso, nada mais justo reconhecer que um bom número desses profissionais possui curso de nível superior. Falta-lhes (à maioria), na verdade, conhecimentos teóricos sobre a ciência da comunicação, mas, nem por isso, deve-se desprezar a experiência que adquiriram através do contato permanente com as massas.

OS PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS

“Todas as figuras” — escreve JEAN COHEN — “têm por objetivo provocar o processo metafórico.” (9) Tomando por base essa teoria, embora de maneira mais restrita, é bom esclarecer que poderão ser analisadas aqui figuras como a sinestesia, alegoria e a catacrese, ainda que não sejam metáforas propriamente ditas, mas porque o são de maneira específica. A metonímia já faz parte do trabalho e tem pormenores interessantes a analisar.

(8) PONTES, Joel. *Palavras luso-brasileiras do futebol*. Ed. Universitária, Recife, 1974, pág. 9.

(9) RAMOS, Maria Luíza. *Fenomenologia da obra literária*. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1972, 2.^a ed. págs. 106.

Predominam no contexto futebolístico a metáfora e a metonímia, especialmente a primeira. Com isto, não concordamos, de certo modo, com Maria Luíza Ramos quando ela afirma que o processo metonímico é mais próprio do contexto predominante lingüístico e pragmático ao se referir à linguagem dos locutores esportivos. O processo metonímico é mais próprio do contexto predominantemente lingüístico e pragmático, mas o contexto futebolístico não é predominantemente lingüístico e pragmático. É também, e muito, um contexto poético, onde comunicadores, torcedores, jogadores e dirigentes de clubes lançam todos os seus sentimentos, expressos através de gestos e palavras. E onde há sentimento há poesia. Por outro lado, os locutores já estão por demais familiarizados com as coisas do futebol e não precisam de tanto esforço para expressar objetos e situações. A “lei do menor esforço”, que atua no processo metonímico (pois é atitude pragmática), nem sempre ocorre nas transmissões. Tanto assim que, em lugar da “pelota”, do “couro”, da “esfera” (também muito usadas), que são do processo metonímico, várias outras palavras, e em número maior, do processo metafórico, são exploradas, como a “boneca”, “caroço”, “guiomar”; ‘leonor’, ‘maria’, ‘maricota’, ‘margarida’; ‘menina’; ‘nega’ etc. São metáforas de âmbito psicológico, quiçá mais poéticas que as do tipo tradicional porque exigem mais imaginação e representam toda a afetividade de que estão impregnados os locutores.

Além disso, no Brasil — principalmente nele — o futebol é, como dissemos, esporte de massa, é paixão e quase religião. Os locutores e comentaristas são na realidade mais torcedores que profissionais em atividade. Todos têm o seu time predileto, embora não queiram confessar para evitar suspeitas de imparcialidade nos seus comentários. Não é que isto ocorra, mas há muita emotividade, afetividade e sentimentalismo. Tudo isso suscita o sentimento poético, mesmo porque o locutor esportivo é, por força e pela essência de sua própria atividade, um humanista e não um homem de negócios.

Vejamos então algumas metáforas extraídas do livro *Palavras luso-brasileiras do Futebol* (embora já conhecêssemos) e os respectivos significados:

“Abrir o compasso”

O significado é o de “abrir as pernas para a bola passar por baixo delas”. A relação das idéias é de fácil percepção. O abrir as pernas é muito semelhante ao abrir das duas peças fundamentais do compasso. Ai temos uma relação lógica de conceitos e, assim, uma metáfora do tipo tradicional.

As jogadas violentas dão margem à criação de uma infinidade de expressões, onde ainda predomina a metáfora. Vejamos estes exemplos:

“Abrir a caixa de ferramentas”
“Baixar a lenha”
“Açougueiro”
“Patada”

A primeira expressão significa “jogar com violência” em relação ao adversário. Nesta, a relação é um pouco inacessível. A associação pode não se estabelecer. A semelhança não está somente em “ferramentas” com as pernas ou os braços ou ainda a cabeça (o jogador brasileiro é exímio em dar cabeçadas — exemplos são conhecidos). É a expressão por inteiro que conota uma situação de violência, de agressividade, em razão das ferramentas serem objetos de ferro e agressivos. A expressão sugere também uma imagem cômica se imaginarmos um jogador a correr distribuindo pesadas e murros. É uma situação que podemos chamar de absurda e por isso cômica, visto que “o absurdo é um dos fatores do cômico”, (10) como muito bem lembra Maria Luiza Ramos.

“Baixar a lenha”, “açougueiro” e “patada” são expressões de fácil associação. Evocam imagens de violência. Dispensariam comentários, mas a primeira significa dar botinadas (ou chuteiradas), cotoveladas e cabeçadas. A segunda representa o jogador desleal, agressivo, violento e que aparentemente não se importa com a sorte do adversário, como o homem do açougue, indiferente ao sofrimento do boi. “Patada” é chute violento no adversário ou também na bola.

A João Saldanha é atribuída a expressão: “zona do agrião”. Se atentarmos para a definição dos dicionários, inacessível se torna a relação. Poucos sabem ser agrião “um tumor duro e sem dor, no curvilhão da cavalgada” (definição de dicionário). Se o autor quis evocar uma imagem de violência (com pancadarias) difícil será a associação, visto que a definição não dá este sentido. A outra definição da palavra agrião é, conforme o dicionário: “planta aquática hortense da família das crucíferas”, que a nosso ver não tem qualquer relação com local nenhum de um campo de futebol. Não obstante, Pedro Zamora se responsabiliza pela interpretação da expressão ao dizer que aquela zona “é a região que vai do meio campo à linha de meta”, onde “a iniciativa das manobras é dos atacantes” e “o defensor fica a mercê da iniciativa dos atacantes”. (11).

Este exemplo é uma demonstração de que a comunicação estará prejudicada se a mensagem estiver em desacordo com o universo de

(10) RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1972, 2.^a ed., pág. 110.

(11) ZAMORA, Pedro. *A hora e a vez de João Saldanha*, Livraria Editora Gol, 1969, págs. 113-114.

referência do receptor. Explica, por outro lado, os desmandos linguísticos que às vezes ocorrem nas transmissões. Sendo um esporte de massa, cuja maioria de aficionados é de baixo nível cultural, a mensagem naturalmente deverá estar de acordo com a realidade referencial do público a que se destina. Não se justifica, porém, é o uso de palavras e expressões que reconhecidamente adquiriram sentido pejorativo, como estas às quais já nos referimos “tacou o cacete no pau direito do adversário”, “arraial de porradas” e “esculhambação”. A primeira expressão significa um chute violento no poste direito da trave do adversário. É uma metáfora juntamente com a segunda, que evoca a imagem de um ajuntamento festivo campestre em tumulto. O terceiro termo é apenas o ato de esculhambar (conotação nitidamente pejorativa).

A metonímia é realmente muito usada nas transmissões esportivas. Mas o seu uso, que no contexto futebolístico é superado pela metáfora, está subordinado a uma variável, mais diretamente: o tempo. A rapidez com que se desenrolam as jogadas, o ímpeto dos atletas, urge que se seja prático e objetivo, sob pena de não acompanhar a jogada. Vejamos o seguinte exemplo:

“O Brasil ataca pela extrema-direita”.

Na verdade, o Brasil não ataca; nem mesmo todo o time. Quem ataca pela extrema-direita é, normalmente, o “ponta-direita” ou outro qualquer jogador que se deslocou para aquele setor. Ocorre, pois, o processo metonímico, visto que a relação entre a expressão e a realidade é de natureza subordinativa, caracterizando-se pelo uso do *todo pela parte*. Em certas expressões ou termos, verifica-se o contrário. Usa-se a *parte pelo todo*, como é o caso de “barbante”, ao invés de rede.

A expressão “bateu o centro” é um caso típico de metonímia, onde o *signal representa a coisa significada*. “Bateu o centro” é apenas o sinal de que a partida começou ou recomeçou, após a feitura de um gol ou no início do segundo tempo do jogo. Mas o comum é o locutor expressar-se dessa forma (“bateu o centro”), quando quereria dizer que o jogo começou ou recomeçou. Para uma maior aproximação da realidade ele poderia dizer: “o jogo começou (ou recomeçou) e fulano bateu o centro”.

Se quiséssemos exemplificar mais metáforas e metonímias, não faltaríamos expressões, mas assim estaríamos nos estendendo sem muita objetividade, mesmo porque tantos outros termos que existem se enquadram em critérios semelhantes. Para compensar, citaremos apenas mais algumas expressões para que o leitor, se achar conveniente e interessante, possa significá-las e enquadrá-las no processo respectivo.

Vejamos estas, pitorescas e sugestivas que, de qualquer forma, deverão exigir do leitor conhecimentos e certa vivência no futebol para

poder decifrá-las: “acreditar na jogada”, “alimentar o ataque”, “arranca toco”, “avenida”, “banho”, “bateu a carteira”, “bicicleta”, “boca do gol”, “brincar em serviço”, “escanteio de mangas curtas”, “cama de gato”, “caneco”, “cera”, “dar um baile”, “engolir a bola”, “entrar de sola”, “esférico”, “ferrolho”, “filó”, “frango”, “gaveta”, “gravata vermelha”, “ir na onda”, “janela”, “ladrão”, “lanterna”, “maestro”, “mapa da mina”, “moldura”, “na saudade”, “orelha”, “passeio”, “pau cantou”, “perna de pau”, “queijo”, “sanfona”, “sobrar”, “tanque”, “tijolada”, “turma da laranja”, “virar a casaca”, “vão”, “zebra” etc.

* * *

O rádio é, em verdade, o único veículo de comunicação de massa capaz de contribuir efetivamente com uma linguagem rica em pitoresco, espontaneidade e força sugestiva no contexto esportivo. É através de suas transmissões que uma série de variáveis atua e influencia a linguagem, como o sentimento, a emotividade, a criatividade, o tempo e tantas outras. É uma linguagem que se caracteriza pela espontaneidade que junta à simplicidade representam as maiores das virtudes humanas, de onde outras partem.

Não seria o jornal o veículo que melhor contribuiria em termos de linguagem no contexto esportivo porque seus redatores antes de escreverem refletem e, daí, certa superficialidade seria manifestada nas entrelinhas de sua matéria jornalística. Além do mais, a matéria impressa nos jornais, na maioria das vezes, requer síntese e objetividade. O fator tempo é um obstáculo na composição de boas matérias na Imprensa.

Não seria ainda a TV o veículo de comunicação a superar o rádio em riqueza verbal nos programas esportivos de um modo geral. Na televisão o jogo não precisa ser narrado em todos os seus pormenores. A imagem dispensa esta particularidade. Nas transmissões de jogos e competições pela TV a palavra é elemento secundário. No rádio não; ela é essencial; é a alma; é a própria razão de ser do veículo. A palavra está para o rádio assim como a imagem está para a televisão. Sem a palavra (articulada) o rádio não existe.

A tradução e o aporuguesamento dos termos ingleses demonstram, sem muita dificuldade, a importância do rádio no contexto lingüístico dos esportes. Se a televisão já existisse no Brasil desde a época das primeiras transmissões radiofônicas, seria ela a primeira a traduzir aquela terminologia importada? Seria, pelo menos, a que mais procuraria substituí-la por palavras e expressões brasileiras (ou portuguesas?) Pela lógica, não seria. A força expressiva da televisão está na imagem. A palavra, em televisão, é mais um complemento no processo comunicativo, embora seja importante. Já no rádio ela é o

elemento essencial e indispensável na comunicação. Conseqüentemente, em quaisquer circunstâncias seria o rádio o primeiro a traduzir os termos britânicos e modificar a linguagem, mesmo porque é da palavra articulada que o locutor radiofônico tem que se valer para comunicar. E, por seu lado, a comunicação só será perfeita se a mensagem for acessível ao receptor.

Não seria uma manifestação inteligente e honesta dizer-se que sentimentos nacionalistas foram as causas da tradução. O que forçou a substituição dos termos ingleses foi a necessidade de comunicar e comunicar-se. Quem mais teria a grande necessidade de comunicar verbalmente se não os locutores de rádio? Se, de repente, não se pudesse mais falar através da televisão ocorreria um desastre. Mas, ainda assim, haveria um remédio para a sua sobrevivência, ainda que precário: a legenda, como no cinema mudo. Se tirassem a palavra articulada do rádio, simplesmente ele desapareceria.

O uso da linguagem figurada pelos locutores esportivos não diríamos seja essencial. É, contudo, importantíssimo para a sobrevivência das transmissões. Ela — a linguagem figurada — é mais importante na medida em que alcança seu objetivo, que é comunicar, e consegue afastar as possibilidades de ocorrer a saturação do ouvinte, que a todo momento procura se informar e participar dos jogos.

A expressividade destas figuras de estilo está no fato de prender o aficionado ao pé do rádio (ou este ao seu ouvido). Em parte, elas diminuem o esforço de imaginação que os ouvintes fazem para visualizar a mensagem transmitida. O que é mais sugestivo, ou expressivo: um *chute forte* ou uma “bomba” (metáfora)? *Perdeu a jogada* ou “ficou desempregado” (metáfora)? A *bola* ou o “couro”? *Bola na rede* ou bola no “barbante” (metonímia)? Por certo que são as palavras e expressões aspeadas. Isto ainda significa dizer que, em sendo a mudança de sentido propriedade da metáfora e da metonímia, tais expressões são uma prova de talento de quem sabe distinguir as semelhanças. É prova de espírito poético. E essa poesia é que comunica. Não tenham dúvidas.

O resumo dos resumos é, finalmente, que a expressividade das metáforas e metonímias atuam no processo comunicativo, transformando e enriquecendo a linguagem. E o futebol, pela versatilidade de suas coisas e situações, transforma-se numa fonte inesgotável deste enriquecimento através das transmissões esportivas.

BIBLIOGRAFIA

- PONTES, Joel. *Palavras luso-brasileiras do futebol*. Ed. Universitária, Recife, 1974, 123 p.
- ZAMORA, Pedro. *A hora e a vez de João Saldanha*, Livraria Editora Gol, Rio de Janeiro, 1969, 133 p.

- SALDANHA, João. *Na boca do túnel*, Livraria Editora Gol, Rio de Janeiro, 1968, 177 p.
- RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*, Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1972, 254 p.
- DAMASCENO, José Ribeiro. *Comunicação através da análise estrutural*, Fortaleza, 1973, 282 p.
- TABOSA, Agerson. *Noções de Sociologia*. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1970, 311 p.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS, Regras de futebol, Rio de Janeiro, 1972, 71 p.
- CALENDÁRIO PIRELLI, 1969.